



## PESQUISA EM EDUCAÇÃO: OLHARES PLURAIS

**Edmacy Quirina de Souza**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB.  
souza@hotmail.com

**Elson de Souza Lemos**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB.  
desouzalemos@gmail.com

**Daelcio Ferreira Campos Mendonça**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB  
daelcio@yahoo.com.br

**Grazielle de Oliveira Santana**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB

**Resumo:** O presente estudo teve por objetivo traçar um panorama histórico sobre a construção do saber, buscando analisar as bases que fundamentam o pensamento monorreferencial, calcado na racionalidade e na hegemonia do pensamento único em detrimento e negação da multiplicidade e das manifestações de outras maneiras de se chegar ao conhecimento, pois há um conhecimento tido por verdadeiro e que se sobrepõe. Essa maneira de pensar e realizar pesquisa impunha a cisão sujeito objeto tornando-se inviável a manifestação de certas questões de ordem sociocultural. Para dirimir tais inquietações, valeu-se nesta análise bibliográfica de estudos com base em autores pós-estruturalistas, especialmente no pensamento de Foucault. Como resultado e parte deste estudo, observa-se que os conceitos foucaultianos não são em si uma metodologia que dever ser seguida pelo pesquisador, no entanto se constitui referência significativa no suporte para análise capaz de aguçar outros olhares sobre a história e sobre a pesquisa em educação. Conclui-se, portanto que a pesquisa e os estudos desenvolvidos, com essa base teórica, constituem-se como uma pesquisa de campo aberto e atenta às múltiplas faces que envolvem o sujeito e a própria prática de construção do conhecimento, contemplando a diversidade e as múltiplas manifestações dos discursos e a diversidade conjuntural da história e suas memórias, bem como do sujeito em relação a este universo, considerando sempre a relação saber e poder e a educação como contínuo *lôcus* de contestação.

**Palavras-chave:** Monoreferencialidade. Pós-Estruturalismo. Saber e Poder.

### Início de conversa

No decorrer da história, o homem sempre procurou conhecer. Foi pelo *thauma* (admiração) (PLATÃO, 2001) que ele começou a buscar o conhecimento, desvendar os mistérios da natureza e

compreender o mundo. E esta construção se dá a partir da linguagem e dos discursos que são produzidos através da história. A busca do conhecimento é uma tarefa bastante desafiadora, pois, nesse percurso, encontramos obstáculos e dificuldades que precisam ser ultrapassadas.

Segundo Corazza (2007, p. 109) “toda e qualquer pesquisa nasce precisamente da insatisfação com o já sabido. Pode parecer pouca coisa, uma banalidade, algo de menos-valia, atribuir a um sentimento o mote para que se investigue, mas não é”. Se o sujeito está satisfeito com o que está dado, com a realidade quer seja social, cultural, econômica, educacional, não há porque investigar. Investigar o quê se está tudo funcionando perfeitamente? Na “condição de insatisfação com as significações e verdades vigentes é que ousamos tomá-las pelo avesso, e nelas investigar e destacar outras redes de significações” (*idem*).

Mas o que é realmente o conhecimento? Esse é o questionamento de Sócrates a Teeteto (PLATÃO, 2001). Quando é que conhecemos algo? A partir de que momento, sei que conheço? Que caminho devo percorrer para chegar ao conhecimento? Qual o papel do pesquisador nessa busca? Em cada época, cada filósofo, com a sua maneira de refletir e compreender o seu contexto histórico-social, a sua realidade, busca conhecer.

A dicotomia entre mundo das ideias e mundo natural interfere diretamente nos processos investigativos. Essa discussão levou, conseqüentemente, à cisão entre sujeito/objeto, corpo/alma, razão/emoção, influenciou na construção do conhecimento no âmbito das ciências humanas e conduziu a humanidade ao grande embate entre racionalismo e empirismo na Idade Moderna e o Positivismo se tornaria a única via, única forma (método) de se construir o conhecimento tido como verdadeiro.

Não há possibilidade de cisão entre o sujeito e o objeto. O discurso hegemônico e, muitas vezes, acadêmico é de que para que haja de fato ciência, se faz necessário isolar o sujeito do objeto, manter a neutralidade. Porém, a neutralidade não existe na ciência.

A crise paradigmática e as rupturas epistemológicas<sup>1</sup> possibilitam mudanças na visão de conhecimento. O ser humano, visto como sujeito social da e na história, constrói-se e constrói o outro por meios dos discursos que são instituídos. É por meio das relações de saber e poder somos subjetivados.

---

<sup>1</sup> Como, por exemplo, a ruptura com a racionalidade cartesiana, que não mais dava conta da realidade.

Compreendemos que para se construir o conhecimento, os conceitos, faz-se necessário a desconstrução de ideias interiorizadas e tidas como verdades absolutas, possibilitando assim mudanças na visão de conhecimento, de homem, de história. O ser humano visto como sujeito social e histórico, constrói-se por meio das relações estabelecidas entre os pares e o contexto sociocultural. Para Foucault (2008, p. 263), “a verdade das coisas se liga a uma verdade do discurso que logo a obscurece e a perde”.

Foucault invoca Nietzsche para “demonstrar que o conhecimento, ao contrário do pensamento kantiano, não é inerente, mas construção. Mais que isso, o conhecimento é um campo de batalha. Ora, o conhecimento não é natural, instintivo, mas inventado, resultado de jogos entre os instintos” (PEREIRA, p. 29). “Dizer que o conhecimento é inventado é dizer que ele não tem origem” (FOUCAULT, 2003, p. 16).

A partir do pensamento de Nietzsche, Foucault (2003, p. 23) argumenta que, se

Quisermos saber o que é o conhecimento [...] saber o que ele é, apreendê-lo em sua raiz, em sua fabricação, devemos nos aproximar, não dos filósofos, mas dos políticos, devemos compreender quais são as relações de luta e de poder. E é somente nessas relações de luta e de poder – na maneira como as coisas entre si, os homens entre si se odeiam, lutam, procuram dominar uns aos outros, querem exercer, uns sobre os outros, relações de poder – que compreenderemos em que consiste o conhecimento.

Quando Foucault (2003) traz à tona a discussão sobre o conhecimento, ele o faz para discutir o problema da origem em que a pesquisa baseada na origem busca a essência das coisas. Ele alerta para a necessidade de refutar essa busca de essência incólume, uma vez que “não encontramos identidades preservadas no começo histórico das coisas, mas a discórdia entre as coisas, o disparate” (FOUCAULT, 2003, p. 24).

A partir desses questionamentos, este artigo objetiva promover uma discussão sobre os vários olhares que o pesquisador precisa desenvolver na pesquisa em educação e destacar as contribuições do pós-estruturalismo, dos Estudos Culturais, bem como as ideias de Foucault nesse campo de pesquisa, ou seja, experimentar outros modos da pesquisa em educação, a construção do conhecimento e as “formas de subjetivação que atravessam e produzem as práticas de pesquisa” (CORAZZA, 2007, p. 105).

Diante do exposto, o que move um pesquisador ou uma pesquisadora é justamente a

Convicção de que estamos começando a trilhar novos e diferentes caminhos, e que estes podem nos levar a descobrir espaços cotidianos de luta na produção de significados distintos daqueles que vem nos aprisionando, há século, em uma naturalizada concepção unitária do mundo e da vida (COSTA, 2007, p. 14).

O pesquisador ou pesquisadora quer sejam social, quer seja natural, não se caracteriza como indivíduo observando o mundo com base em nada; são os participantes de um universo cultural e linguístico no qual inserem os seus projetos individuais e coletivos (FOUREZ, 1995).

## **PEREGRINANDO NO PÓS-ESTRUTURALISMO**

O termo “peregrinando” no título deste item não tem qualquer relação com devoção, religiosidade; relaciona-se, antes, a viagens a terras distantes, territórios caracterizados pelo pós-estruturalismo, pelos estudos culturais e por alguns conceitos foucaultianos. Demarcar o campo teórico de forma precisa, no qual se inserem os estudos pós-estruturalistas e os estudos culturais, não é uma tarefa simples, muito menos fácil. Talvez não seja sequer um empreendimento concretizável.

O pós-estruturalismo tem contribuído significativamente para a incorporação de novos objetos de investigação, incluindo temas como raça, etnia, gênero e sexualidade. Um trabalho na perspectiva das culturas negadas ou silenciadas foge das pesquisas essencialistas, as quais, quase sempre, buscam uma verdade universal, enquanto o “pós-estruturalismo efetua um enérgico ataque aos pressupostos ‘universalistas’ da racionalidade, da individualidade, da autonomia e da autopresença que estão subjacentes ao sujeito humanista” (PETERS, 2000, p. 36).

Para o pós-estruturalismo

A ênfase na autoconsciência absoluta e no seu suposto universalismo é parte integrante dos processos que tendem a excluir o Outro, ou seja, aqueles grupos sociais e culturais que agem de acordo com critérios culturais diferentes. Em vez de autoconsciência, o pós-estruturalismo enfatiza a constituição discursiva do eu – sua corporeidade, sua temporalidade e sua finitude, suas energias inconscientes

e libidinais – e a localização histórica e cultural do sujeito (PETERS, 2000, p. 36).

Essa complexa rede de pensamento denominada pós-estruturalismo “corporifica diferentes formas de prática crítica” (*ibid.*, p. 29), ou seja, constitui um processo interdisciplinar ao se apresentar de maneira diversa e em diferentes correntes e temas, como também os estudos culturais, que não trabalham com definições únicas.

Para Corazza (2007, p. 120), nos estudos

Pós-estruturalista [...], não encontro nenhum critério que autorize alguém a selecionar esta ou aquela metodologia de pesquisa. Justo porque não é por tal ou qual método que se opta, e sim por uma prática de pesquisa que nos ‘toma’, no sentido de ser para nós significativa.

No contexto da teorização do pensamento pós-estruturalista, há um deslocamento no modo como se procede à análise. O sujeito é deslocado do seu lugar central, e a linguagem, compreendida como uma instância que gera sentidos e significados ao mundo, passa a ter um papel relevante na formação da vida social e cultural. O “pós-estruturalismo pode ser caracterizado como um modo de pensamento, um estilo de filosofia e uma forma de escrita” (PETERS, 2000, p. 28), que foge a tudo que leve à homogeneidade e unidade, primando pela diferença e heterogeneidade da cultura, da vida.

### **As contribuições de Foucault para a pesquisa em educação**

Os ensinamentos de Foucault sobre as relações de poder e saber dão suporte para pesquisas no campo da educação, uma vez que se constitui em importantes corrente teórica, que impulsiona uma forte crítica às ditas patologias do ocidentalismo.

A base metodológica de estudo na análise do discurso, reconhece o caráter discursivo do social. As práticas discursivas empreendidas a partir desse campo de saber estão entrelaçadas em redes de saberes e poderes e regimes de verdade. “Os discursos não têm apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história, e uma história específica que não o reconduz às leis de um devir estranho” (FOUCAULT, 2012, p. 155).



Segundo Fischer (2012), a análise do discurso cria possibilidades de discurso e as coisas ditas são sempre históricas, isto é, funcionam em práticas muito concretas. Em outras palavras, o discurso está implicado na produção daquilo que estaria descrevendo como sendo a realidade, de maneira que funcione como um discurso de verdade sobre os sujeitos.

A autora enfatiza que

Analisar discursos significa em primeiro lugar não ficar no nível apenas das palavras, ou apenas das coisas; muito menos, buscar a bruta e fácil equivalência de palavras e coisas [...] o visível e o enunciável não se reduzem a um ou outro, eles exercem uma espécie de força um sobre o outro. (*ibid.*, p. 137).

E complementa: [...] “as coisas ditas não se confundem com meras designações: palavras e coisas [...] têm uma relação extremamente complexa, justamente porque são históricas, são construções, interpretações; jamais fogem à relação de poder; palavras e coisas produzem modos de subjetivação” (FISCHER, 2012, p. 100).

A função dessa ferramenta (análise discursiva) é compreender as condições históricas e sociais que possibilitam a irrupção de acontecimentos discursivos. Foucault (2012), como genealogista e arqueologista, ou, nas palavras de Deleuze (2005), um arquivista e um novo cartógrafo, ensina que o pesquisador não deve investigar o que supostamente estaria por trás das cortinas (texto, documentos, arquivos, imagens) tampouco deveria buscar resgatar aquilo que, diferente do que se tenha dito, supostamente se queira dizer em outra época ou cultura. O pesquisador arqueólogo descreve as condições de existência do discurso do enunciado ou do conjunto de enunciado de determinada cultura, contudo sem as “sistematicidades” e sem as “sucessões cronológicas” (DELEUZE, 2005, p. 181).

A arqueologia

Busca definir não os pensamentos, as representações, as imagens, os temas, as obsessões que se ocultam ou se manifestam nos discursos, mas os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem a regras. Ela não trata o discurso como documento, como signo de outra coisa, como elemento que deveria ser transparente, mas cuja opacidade importuna é preciso atravessar frequentemente para reencontrar, enfim, aí onde se mantém à parte, a profundidade do essencial; ela se dirige ao discurso em seu volume próprio, na qualidade de monumento.

Não se trata de uma disciplina interpretativa: não busca um ‘outro discurso’ mais oculto. Recusa-se ser ‘alegórica’ (*ibid.*, p. 170).

O genealogista, por sua vez, “ouve a história e não a metafísica, recusa a essência, pois o que há é um jogo de forças e dentre elas está a própria verdade. Recusa a origem, pois o que há é o acaso, o disparate, as resistências, as surpresas, os abalos. E tudo isso sem um responsável por detrás” (ARAÚJO, 2008, p. 100-101).

Na perspectiva da genealogia, não se deve “procurar profundidade, segredos solenes, mas as descontinuidades, os erros, os acidentes; deve ater-se à superfície dos acontecimentos e seus contornos” (PEREIRA, 2011, p. 30), rompendo com as pesquisas de origem que buscam a essência intacta das coisas. Refutar essa busca do estado de perfeição e o lugar da verdade e trazer uma maneira de “escrita de uma história do presente” (*ibid.*, p. 38).

“Não existe uma essência como origem histórica estável, posto que esta é um campo de forças marcado pela heterogeneidade da luta. A genealogia não representa a busca de uma origem, de um espírito perfeito, olvidando os fatos, os erros; demora-se, porém, nas meticulosidades, nos acasos de um começo” (PEREIRA, 2011, p. 31).

É importante destacar o impacto da história genealógica de Foucault como instrumento teórico para uma história do presente. Foucault refere-se a uma “história tradicional que seria marcada pela busca de continuidade; de sentidos, da uniformização do múltiplo segundo o projeto de uma história global”. A história nova que Foucault propõe vem “questionar as bases, buscar rupturas, colocar tudo em termos de movimento, de relações” (PEREIRA, 2011, p. 28).

Para Foucault (2012, p. 11),

O projeto de uma história global é o que procura reconstituir a forma de conjunto de uma civilização, o princípio – material ou espiritual – de uma sociedade, a significação comum a todos os fenômenos de um período, a lei que explica sua coesão – o que se chama metaforicamente o ‘rosto’ de uma época.

Os conceitos foucaultianos não se constituem em uma metodologia a ser seguida pelo pesquisador, mas são referências que possibilitam auxiliar nas análises de uma pesquisa e permitem um outro olhar sobre a história, sobre a pesquisa em educação.

## **Os estudos culturais e a pesquisa em educação**

Esta seção busca discutir a contribuição dos estudos culturais<sup>2</sup> para a pesquisa em educação. O viés metodológico interdisciplinar dos estudos culturais também tem um caráter discursivo do social e suas consequentes relações de poder e possibilita uma discussão profícua, uma vez que essa base teórica vem desenvolvendo trabalhos mais diversos na área das questões sociais, como raça, etnia, gênero, identidades culturais, e por sua dimensão política do conhecimento.

Por parte dos Estudos Culturais,

[...] encontramos suficientemente explicitada a condição de que nenhuma metodologia é ‘a sua’; assim como nenhuma pode ser privilegiada e empregada com garantias sobre como responder as questões de dados contextos (e, também por isso, nenhuma metodologia pode ser descartada antecipadamente); da mesma maneira como nenhuma traz a confiança de se obterem boas expostas” (CORAZZA, 2007, p. 119-120).

Os estudos culturais, ao sinalizarem a articulação entre a teorização e a prática política engajada nas lutas sociais das comunidades destituídas social e economicamente, das culturas

---

<sup>2</sup> Os Estudos Culturais têm sua origem na década de 1960, no Centre for Contemporary Cultural Studies at Birmingham, na Inglaterra e, de lá para cá, constituem um campo promissor e popular, no âmbito da esquerda acadêmica americana e europeia, por sua vinculação explícita e interesses sociais e políticos que norteiam muitos das lutas de diversos grupos, na atualidade (MEYER, 2005, p. 72). Os Estudos Culturais se constituem em um campo de teorização e investigação, originado na fundação do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), na Universidade de Birmingham, na Inglaterra, em 1964. A discussão desenvolveu-se inicialmente, como reação às temáticas elitistas de concepção de cultura, características da tradição de críticas literárias. O centro adotou uma concepção antropológica, fundada na definição de cultura como a totalidade da experiência vivida dos grupos sociais. Inicialmente o centro tinha uma orientação marxista, influenciada por Althusser e Gramsci, posteriormente, a produção do centro passou a ser influenciada pelo pós-estruturalismo, adotando elementos das contribuições teóricas de Michel Foucault e Jacques Derrida. Ao longo destas transformações, continuou sendo fundamental uma concepção que vê a cultura como campo de luta em torno do significado e a teoria como campo de intervenção política. (SILVA 2000, p. 55-56).



negadas, dos grupos subjugados, do outro diferente, abrem pistas para compreender o jogo das relações de poder-saber existentes nas instituições educativas.

A pesquisa à luz dos estudos culturais, além de operar em todos esses níveis, capta as experiências da vida cotidiana dos sujeitos em grupos que foram historicamente silenciados e coloca-os em evidência. Silva (2005) defende que a cultura é o terreno em que os sujeitos sociais lutam e embatem em torno da construção, da imposição de significados sobre o mundo social.

Nessas bases epistemológicas, a pesquisa se torna um campo aberto. Hall (2009, p. 188) destaca que “os Estudos Culturais são uma formação discursiva, no sentido foucaultiano do termo [...] que abarcam discursos múltiplos, bem como numerosas histórias distintas [...] e compreendem um conjunto de formações, com as suas diferentes conjunturas e momentos do passado”, o que possibilita construir metodologias e posicionamentos teóricos diferentes. Giroux (2012, p. 83) complementa que “os Estudos Culturais estão profundamente preocupados com a relação entre cultura, conhecimento e poder” e que a educação é um local de luta e contestação contínuas.

#### Os Estudos Culturais

Emergem num panorama mais amplo de transformações do mundo contemporâneo, no qual se inscrevem mudanças radicais no que diz respeito à teoria cultural. No centro destas mudanças está a concepção de Cultura, que transmuta-se de um conceito impregnado de distinção, hierarquia e elitismo segregacionistas para um outro eixo de significados em que se abre um amplo leque de sentidos cambiantes e versáteis. Cultura deixa, gradativamente, de ser domínio exclusivo da erudição, da tradição literária e artística, de padrões estéticos elitizados, e passa a contemplar, também, o gosto das multidões (COSTA, 2005, p. 108).

Os estudos culturais questionam a produção do conhecimento e fazem uma abordagem crítica da forma como se operam as estratégias do saber dominante euro-americano. Ou seja, “os Estudos Culturais significam um afastamento enorme em relação às narrativas mestras eurocêntricas, ao conhecimento disciplinar, à alta cultura, ao cientificismo e a outros legados inspirados pela diversificada herança do modernismo” (GIROUX, 2012, p. 87).

Vemos que os estudos culturais enfatizam o estudo da linguagem e do poder, como estes são utilizados para moldar identidades sociais e como essa “língua funciona para incluir ou

excluir certos significados, assegurar ou marginalizar formas particulares de se comportar e produzir ou impedir certos prazeres e desejos” (*ibid.*, p. 92).

As práticas investigativas dos Estudos Culturais têm, de um lado,

[...] criadoramente, subvertido a ordem e as relações de forças instituídas nas ações de pesquisa em Educação e, de outro, fornecem importantes conhecimentos, apresentados como uma forma de luta cultural e de poder, que permitem redizer a transformação social e a mudança cultural (CORAZZA, 2007, p. 124).

Para Costa (2005, p. 91),

As diversas manifestações dos Estudos Culturais caracterizam-se como uma guerra contra o cânone; o ponto central desse movimento encontra-se em uma nova forma de conceber e situar a cultura, reconhecendo que não existe um lugar privilegiado que sirva de parâmetro para o conhecimento.

Apesar de os estudos culturais se caracterizarem pela abertura, pelo novo, Hall afirma que “não se pode reduzir a um pluralismo simplista” porque eles recusam-se a ser uma “grande narrativa ou um meta-discurso de qualquer espécie”. Ele “consiste num projeto aberto ao desconhecido, ao que ainda não se consegue nomear” (HALL, 2009, p. 189), pois a “única teoria que vale a pena reter é aquela que você tem de contestar, não a que você fala com profunda fluência” (*ibid.*, p. 192). Esse autor anuncia que qualquer pessoa que se envolva nos estudos culturais como “prática intelectual deve sentir na pele, sua transitoriedade, sua insubstancialidade” (*ibid.*, p. 200).

Veiga-Neto (2004) discute algumas possibilidades de aproximação entre o pensamento de Foucault e o campo dos estudos culturais, já que, além da etnografia para o estudo das chamadas minorias, as investigações desse campo de conhecimento voltam-se também para as questões textuais e discursivas em relação à cultura, à comunicação de massa, à literatura fornecida pelas classes populares e às questões de raça, etnia e gênero. Para esse autor,

Pesquisas já feitas nos campos dos Estudos Culturais e da perspectiva foucaultiana, são possíveis e parecem-me promissoras as tentativas de articulá-los

entre si para proceder a novos estudos sobre as relações entre a escola e a assim chamada crise moderna. Uma tal articulação poderia ter por objetivo, para citar um exemplo, examinar alguns dos regimes de verdade que tomam a relação escola-crise como centro de uma discursividade e, a partir daí - combinando ferramentas da análise foucaultiana do discurso com os avanços da vertente etnográfica dos Estudos Culturais - empreender uma desconstrução desses regimes (*ibid.*, p. 49).

A pesquisa e os estudos desenvolvidos com essa base teórica não estão preocupados com o que é a infância, com o que é educação, com a forma mais adequada de educação ou com a qualidade do ensino oferecido às crianças, muito menos com o que é ser negro/a, ser branco/a ou ser diferente, mas como determinadas formulações discursivas se constituem como verdades em jogos de linguagens e como os objetos do mundo social são construídos discursivamente.

### **Considerações finais**

A questão da construção do saber, desde o início, parece comportar uma disputa, um jogo de poder. Já na antiguidade, a introdução do pensamento monorreferencial é acompanhada pelo jogo do poder. A afirmação do conhecimento verdadeiro e monorreferencial significou a hegemonia diante de quem advogava o caos e também de quem compreendia a multirreferencialidade, quem como Heráclito já percebia a unidade na diversidade e defendia a fluído universal e a luta dos opostos.

Nestes, observa-se que a problemática do conhecimento comporta um jogo político cultural bem mais amplo, que quando aplicado às questões educacionais, comporta complexidade bem maior.

São esses postulados do pensamento único e verdadeiro que mais tarde dão vazão ao pensamento positivista que vai difundir um único método de construir conhecimento. Com isso, estabelece-se a cisão entre sujeito e objeto e inventam uma suposta neutralidade.

No entanto, o ser humano não se deixa aprisionar e por mais sólida que pareça certos postulados teóricos; por mais sólidos que pareçam seus paradigmas, eles vêm a ruir e, então, novas perspectivas, novos paradigmas de entender o ser humano e a construção do sujeito ganham evidência.

E novamente as questões da investigação do saber ganha outros contornos, agora pautado pela relação com o sujeito social e histórico. Passando por reflexões sobre o pensamento de Nietzsche e abraçado as ideias de Foucault, depara-se então com a formação do pensamento pós-moderno, o pensamento pós-estruturalista, fazendo assim o resgate de novos objetos de investigação, objetos que outrora foram negados e silenciados. É o começo da superação da monorreferencialidade, a superação do paradigma universalista da racionalidade e da individualidade, possibilitando uma nova maneira de comportar o saber, de compreendê-lo, agora pautado na subjetividade, em uma perspectiva capaz de analisar o discurso, a linguagem, a realidade sócio histórico cultural.

Assim, fazer pesquisa, buscar o conhecimento implica entender o pesquisar como um caminho capaz de compreender o viés interdisciplinar dos estudos culturais, sem contudo desprezar o caráter discursivo social e sua relação de poder.

Postula-se aqui então, a pesquisa como campo aberto, compreendendo as múltiplas faces que envolvem o sujeito e suas consequências práticas na construção do conhecimento, na articulação do binômio irreduzível da teoria-prática; um estudo que comporte o entendimento da diversidade e das múltiplas manifestações dos discursos, da diversidade conjuntural da história e suas memórias, bem como do sujeito em relação a este universo, considerando sempre a relação saber e poder e a educação como contínuo *locus* de contestação.

## Referências

ARAÚJO, Inês Lacerda. *Foucault e a crítica do sujeito*. Curitiba, PR: Editora da UFPR, 2008.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: *Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007.

COSTA, Marisa Vorraber. Velhos temas, novos problemas – a arte de perguntar em tempos pós-modernos. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel E. (orgs.). In: *Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro, DP&A, 2005.

\_\_\_\_\_. Novos olhares na pesquisa em educação. In: *Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2005.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2003.

\_\_\_\_\_. As palavras e as imagens. In: *Ditos e Escritos II: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p. 78-81

\_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUREZ, Gérard. Idealismo e História Humana. In: *A Construção das Ciências: introdução à filosofia e a ética das ciências*. São Paulo: Editora da Universidade Paulista, 1995.

GIROUX, Henry A. Praticando Estudos Culturais nas faculdades de Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 83-100.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

PEREIRA, Lucas de Almeida. A genealogia foucaultiana como ferramenta para a escrita da história no presente. In: CARDOSO JÚNIOR, Hélio Rabello e LEMOS, Flávia Cristina Silveira. *Foucault, Deleuze e Guattari: corpos, instituições e subjetividades*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2011, p. 27-40.

PETERS, Michel. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PLATÃO. *Teeteto e Crátilo*. Belém: EDUFPA, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber e VEIGA-NETO, Alfredo. *Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, 37-69.